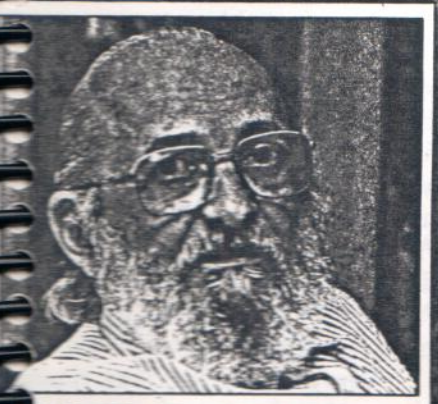
NOVA
Escola

Para professores do 1.º Grau - ano IV - n.º 30 - maio 1989 - NCz$ 1,00

O que o aluno pensa dos livros didáticos



PAULO FREIRE
Agora é a vez do PT na Educação de São Paulo

CICLO BÁSICO
UMA NOVA ARMA CONTRA A EVASÃO

INSTITUTO PAULO FREIRE
Rua Cerro Corá, 550 2.º andar cj. 22
Tel: (11) 3021-5536 Fax: (11) 3021-5589
05061-100 - São Paulo - SP - Brasil
E-mail: ipf@paulofreire.org

ENTREVISTA: PAULO FREIRE

"Por uma escola séria e alegre"

O novo secretário da Educação do município de São Paulo, Paulo Freire, fala de sua administração e dos planos educacionais de seu partido, o PT

José Luiz Frare e Hamilton de Souza

Não há professor que nunca tenha ouvido falar de Paulo Freire. Um dos mais importantes educadores contemporâneos, conhecido e premiado em todo o mundo principalmente por causa de suas teorias sobre a alfabetização de adultos, Paulo Freire presidiu em 1963 a Comissão Nacional de Cultura Popular e coordenou o Plano Nacional de Alfabetização de Adultos. Com o golpe militar de 64, foi preso e cassado. Exilou-se no Chile, onde trabalhou até 69 em programas de educação popular. Instalou-se depois em Genebra, na Suíça, onde fundou o Instituto de Ação Cultural (IDAC), que assessorou governos de vários países em programas educacionais. Lecionou na Universidade de Genebra, coordenou cursos e seminários e recebeu títulos honoris causa *em várias universidades européias, norte-americanas, asiáticas, latino-americanas e brasileiras. Escreveu 18 livros, traduzidos em todo o mundo. Após 15 anos de exílio, Paulo Freire retornou ao Brasil em 1979. Desde janeiro deste ano, aos 67 anos, enfrenta mais um desafio. É secretário da Educação de São Paulo, a maior cidade do país.*

Fotos Alice Hattori

A vitória do Partido dos Trabalhadores (PT) em importantes cidades do país, inclusive São Paulo, nas últimas eleições, foi um fato político significativo que cria muitas expectativas na sociedade. No campo específico da Educação, qual a proposta que o PT traz? No que ela difere das políticas educacionais executadas até agora?

Apesar de ser educador petista e aderi ao PT quando ainda estava na Europa —, não gostaria de falar em nome de meus companheiros. Prefiro falar um pouco de como penso, convencido de que me coloco no horizonte de aspirações do PT. Falarei de alguns pontos que me parecem fundamentais à política educativa de um partido que, sendo *popular*, não é *populista;* que, sendo *revolucionário*, não é *autoritário;* que, sendo *democrata*, não é *democratista;* que, sendo *educador*, se reconhece *educando* dos movimentos sociais populares. A educação que um partido assim precisa pôr em prática e aperfeiçoar é tão política e ideológica quanto a que qualquer partido conservador planeja e executa. A questão que se coloca é saber que política é esta, a favor de que e de quem, contra que e contra quem se realiza. É por isso que podemos afirmar que, se a política educacional de um partido progressista e sua prática pedagógica forem iguais às de um partido conservador, um dos dois está radicalmente errado. Daí a necessidade imperiosa que temos, educadores progressistas, de ser coerentes, de diminuir a distância entre o que dizemos e o que fazemos. O que não é possível, para mim, é falar no respeito pelas bases populares, mas, ao mesmo tempo, considerar que elas não têm suficiente maioridade para dirigir-se; é falar de uma escola democrática e manietar as professoras, em nome de sua pouca competência, com pacotes "emprenhados" por nossa sabedoria. O que não é possível é negar a *prática* em nome de uma teoria que, assim, deixa de ser teoria para ser *verbalismo* ou *intelectualismo*, ou negar a teoria em nome de uma *prática* que, assim, se arrisca a perder-se em torno de si mesma. Nem *elitismo teoricista* nem

INSTITUTO PAULO FREIRE
Rua Cerro Corá, 550 2.º andar cj. 22
Tel: (11) 3021-5536 Fax: (11) 3021-5589
05061-100 - São Paulo - SP - Brasil
E-mail: ipf@paulofreire.org

basismo praticista, mas a unidade *teoria e prática*. Outro ponto importante é que, se há algo em que o educador progressista sério se identifica com um educador conservador, igualmente sério, é que ambos têm que ensinar e saber o que ensinam. Mas, ao nos determos sobre o ato de ensinar um certo conteúdo, percebemos que, a partir do que os identifi-

"Para o educador progressista coerente, o necessário ensino dos conteúdos estará sempre associado a uma 'leitura crítica' da realidade. Não queremos nem o ensino dos conteúdos em si nem o exercício do 'pensar certo' desligado do ensino dos conteúdos. Nem elitismo teoricista nem basismo praticista"

ca, começam a distinguir-se. A própria compreensão do que é ensinar, do que é aprender e do que é conhecer tem conotações, métodos e fins — diferentes para um e para outro. Como também o tratamento a ser dado aos conteúdos programáticos.

P. ***E como deve fazer o educador progressista?***

R. Para o educador progressista coerente, o necessário ensino dos conteúdos estará sempre associado a uma "leitura crítica" da realidade. Ensina-se a pensar certo através do ensino dos conteúdos. Não queremos nem o ensino dos conteúdos em si, ou quase em si, como se o contexto escolar em que são tratados pudesse ser reduzido a um espaço neutro em que os conflitos sociais não se manifestassem, nem queremos o exercício do "pensar certo" desligado do ensino dos conteúdos.

É esta relação dinâmica, processual, que pretendo estimular nas escolas municipais. Mais ainda, para um educador progressista coerente não é possível minimizar, desprezar, o "saber de experiência feito" que os educandos trazem para a escola. A sabedoria desta está em fazer compreensível que a ruptura que o saber mais exato, de natureza científica, estabelece, em face daquele saber, não significa que ele seja desprezível. Pelo contrário, é a partir dele que se alcança o mais exato. Enquanto numa prática educativa conservadora competente se busca, ao ensinar os conteúdos, ocultar a razão de problemas sociais, numa prática educativa progressista se procura, ao ensinar os conteúdos, desocultar a razão de ser daqueles problemas. A primeira procura *acomodar, adaptar* os educandos ao *mundo dado;* a segunda, *inquietar* os educandos, desafiando-os a perceberem que o *mundo dado* é um *mundo dando-se* e que, por isso mesmo, pode ser *mudado, transformado, reinventado*.

Os educadores progressistas sabem muito bem que a Educação não é a alavanca da transformação da sociedade, mas sabem também o papel que ela tem neste processo. A eficácia da Educação está em seus limites. Se ela tudo pudesse, ou nada pudesse, não haveria por que falar de seus limites. Falamos deles precisamente porque, não podendo tudo, pode alguma coisa.

P. ***A nova Constituição prevê a erradicação do analfabetismo no Brasil até o ano 2000. É possível? O que o PT pretende fazer em suas administrações para alcançar esse objetivo?***

R. Parece-me que não deveríamos trabalhar em termos de campanhas, cujo significado mais profundo sugere algo emergencial, mas atacar o problema sem dar a ele esse caráter. Por outro lado, na medida em que enfrentamos o problema, aqui e ali, é necessário desde o princípio que procuremos ir mais além da alfabetização, construindo com os próprios educandos das classes populares alternativas no campo da educação popular.

Com a assessoria de dois competentes educadores — Pedro Pontual e Nereide Saviani —, iniciamos em março uma série de encontros com grupos populares envolvidos em projetos de alfabetização de adultos. Nossa intenção é estender os encontros também aos alfabetizandos, com quem pretendemos dialogar em torno da possibilidade de realização, no Ano Internacional da Alfabetização (em 90) que a Unesco patrocina, de um primeiro congresso de alfabetizandos. É preciso que eles digam sua palavra aos educadores.

No momento, uma equipe intersecretarial — secretarias da Cultura, Educação, Saúde, Habitação, Bem-Estar Social e Esportes — trabalha em relação direta com movimentos sociais na elaboração de projetos de educação popular. O ponto de partida de um desses projetos é uma pesquisa participante que nos dará uma espécie de repertório dos anseios, dos sonhos, dos desejos da população da área pesquisada. Uma das vantagens de um trabalho assim está em que a própria metodologia da pesquisa a faz pedagógica e conscientizante. Talvez tão importante ou até mais do que esse caráter da pesquisa é o esforço, é a decisão política de as secretarias trabalharem juntas. Apostamos nisso.

P. ***Por que não trabalhar em termos de campanhas?***

R. Porque uma coisa é fazer uma campanha de alfabetização numa sociedade em que as classes sociais populares começam a tomar sua história nas mãos, com entusiasmo, com esperança, e outra é fazer campanhas de alfabetização em sociedades em que as classes populares se acham distantes da possibilidade de exercer uma participação maior na refeitura de sua sociedade.

Em 1964 o Brasil não havia feito revolução nenhuma, é verdade. Vivíamos a experiência populista do governo Goulart. Mas vivíamos um momento de profunda inquietação, de presença popular nas ruas. O modelo populista vivia sua ambigüidade fundamental: de um lado, estimulando a presença das classes populares,

INSTITUTO PAULO FREIRE
Rua Cerro Corá, 550 2.º andar cj. 22
Tel: (11) 3021-5536 Fax: (11) 3021-5589
05061-100 - São Paulo - SP - Brasil
E-mail: ipf@paulofreire.org

sem as quais não existiria; de outro, correndo o risco de desaparecer — ou porque a esquerda, através delas, se viabilizasse, ou porque a direita, por causa delas, acabasse a festa. Foi o que aconteceu.

P. ***Quais as suas metas na Secretaria da Educação do município de São Paulo?***

R. Tenho falado muito, desde antes mesmo de assumir a Secretaria, no nosso sério empenho de mudar a cara da nossa escola, incluindo as de educação infantil. Pretendemos, na verdade — e para isso já começamos a trabalhar desde o início da gestão —, ir transformando as escolas em centros de criatividade, em que se ensine e se aprenda com alegria. Não quero dizer que não haja hoje escolas da rede municipal onde as crianças se sintam bem. O que é preciso, porém, é generalizar este clima que, para ser criado e mantido, demanda a confluência de um sem-número de fatores. Condições materiais condignas, salários decentes, as escolas conservadas, reparadas em tempo, agilização das medidas burocráticas indispensáveis ao bom funcionamento das escolas. Respeito aos educadores, aos educandos, aos pais, à comunidade, a todos.

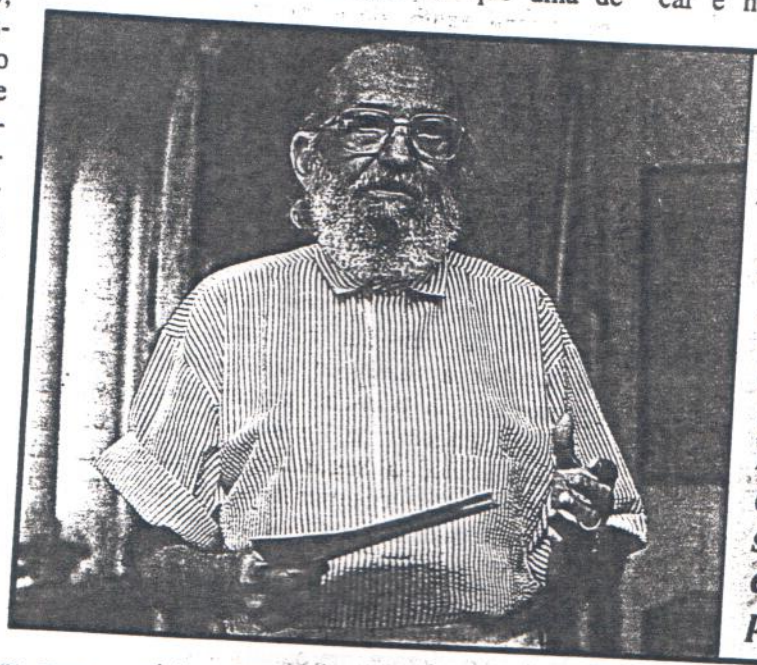
Como revelar esse respeito se as escolas vão se deteriorando dia a dia, ameaçando a saúde, a paz de todos, apesar da insistência com que as diretoras solicitam durante meses o indispensável reparo da escola? Como ensinar e aprender com alegria numa escola cheia de poças d'água, com a fiação ameaçadoramente desnuda, com a fossa entupida? Os mecanismos burocráticos que aí estão, o sem-número de papéis, tomando conta um do outro, a morosidade com que andam de um setor a outro, tudo contribui para obstaculizar o trabalho sério que fazemos. A uma administração como a do PT se impõe uma transformação radical da máquina burocrática. A que está aí pode até prejudicar também uma administração conservadora. A uma administração progressista, como nos incumbe fazer, essa burocracia perversa aniquila e emudece.

P. ***E como fazer essa transformação de que o senhor fala?***

R. Uma das formas talvez de começar é a criação do que uma de minhas assessoras chama de "frente de trabalho" para executar uma determinada tarefa de forma rápida e correta. Estamos fazendo isso com relação a "n" projetos. Precisamos deixar claro que acreditamos e respeitamos quem se acha nas bases. Reparar, com rapidez, as escolas é um ato político que precisa de ser vivido com consciência e eficácia. Mudar a cara da escola implica também ouvir meninos e meninas, sociedades de bairro, pais, diretores, delegados de ensino, professores, supervisores, comunidade científica, zeladores, merendeiras etc. Não se muda a cara da escola por um ato de vontade do secretário. Para concluir, diria que nos engajamos na luta por uma escola competente, democrática, séria e alegre.

P. ***O que o PT pretende fazer para combater a evasão e a repetência?***

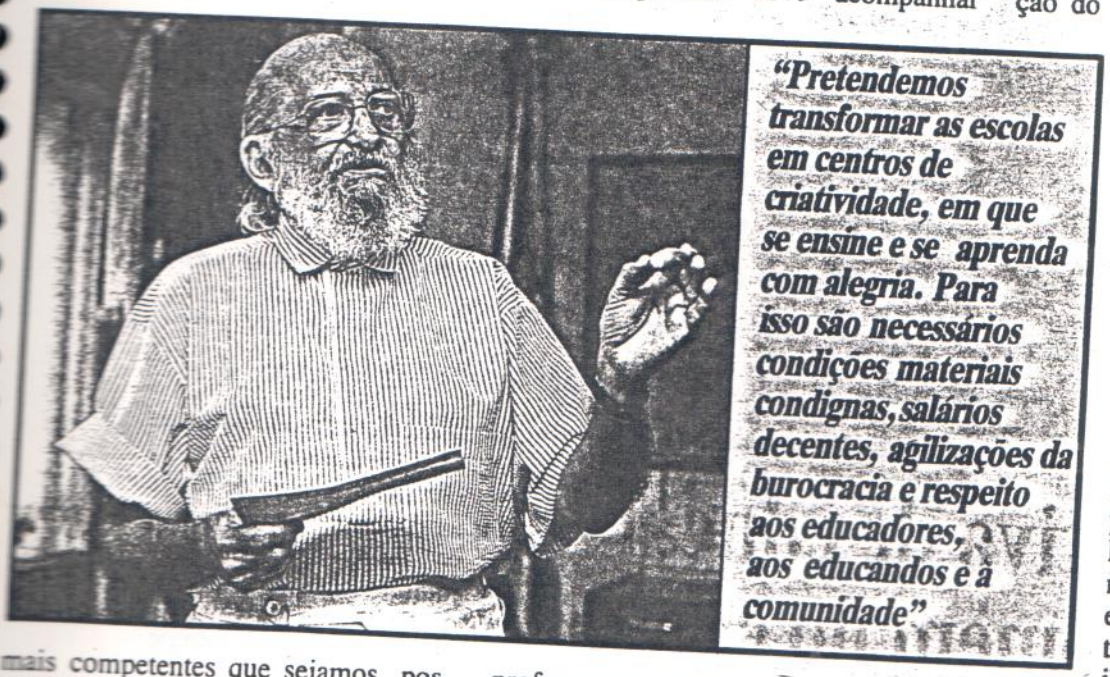
R. Em primeiro lugar, gostaria de recusar o conceito de *evasão*. As crianças populares brasileiras não se evadem da escola, não a deixam porque querem. As crianças populares brasileiras são *expulsas* da escola. A estrutura da sociedade cria uma série de impasses e de dificuldades, uns em solidariedade com outros, que resultam em obstáculos enormes às crianças populares não só para chegar à escola mas também, quando chegam, para nela ficar e nela fazer o percurso a que têm direito. Há razões, portanto, internas e externas à escola, que explicam a "expulsão" e a reprovação dos meninos populares. Atacaremos, ao nível da Secretaria, sobretudo as razões internas, perseguindo: o uso bem-feito do tempo escolar (tempo para a aquisição de conhecimento), a formação permanente dos educadores, o estímulo a uma prática educativa crítica, provocadora da curiosidade, da pergunta, do risco intelectual. Como em tudo o que tem a ver com a prática escolar, também neste aspecto espero ouvir de diretoras, professoras, supervisoras, de coordenadoras pedagógicas suas sugestões no sentido de minimizarmos as negatividades da escola que contribuem para a "expulsão" dos alunos. Desde março estou visitando escolas em duas manhãs por semana, não como quem quer, com certo gosto "inspecionista", flagrar professores ou servidores faltosos, mas como quem se sente no dever, enquanto secretário, de colaborar com os que lutam nas bases. Pre-



"Uma coisa é fazer uma campanha de alfabetização numa sociedade em que as classes sociais populares começam a tomar sua história nas mãos, e outra é fazer campanha numa sociedade em que essas classes se acham distantes de exercer uma participação maior"

INSTITUTO PAULO FREIRE
Rua Cerro Corá, 550 2.º andar cj. 22
Tel: (11) 3021-5536 Fax: (11) 3021-5589
05061-100 - São Paulo - SP - Brasil
E-mail: ipf@paulofreire.org

tendo ainda me encontrar em caráter sistemático, tão assiduamente quanto possível, com delegados de ensino, professoras, diretoras, supervisoras, merendeiras, zeladoras. Os temas da expulsão e reprovação serão tratados sempre em busca de soluções ou encaminhamentos realistas e eficazes. Mais uma vez, não acreditamos que, sozinhos, no gabinete, por mais competentes que sejamos, possamos fazer tudo.



"Pretendemos transformar as escolas em centros de criatividade, em que se ensine e se aprenda com alegria. Para isso são necessários condições materiais condignas, salários decentes, agilizações da burocracia e respeito aos educadores, aos educandos e à comunidade"

P. ***O senhor pretende introduzir mudanças nos currículos?***

R. Nosso empenho em mudar a cara da escola, que, no nosso caso, é nos darmos ao esforço de fazer uma escola popular, necessariamente passa pela mudança curricular. Ninguém, contudo, numa perspectiva democrática, muda o currículo das escolas de uma segunda para terça-feira. Feita autoritariamente, de cima para baixo, a partir da vontade de especialistas iluminados, a transformação curricular, além de constituir uma contradição inaceitável do ponto de vista de uma administração petista, não tem eficácia.

Duas coisas fundamentais acho que posso dizer agora. A primeira é que, em linhas gerais, sonhamos com uma escola que, sendo séria, jamais vire sisuda. A seriedade não precisa ser *pesada*. Quanto mais leve for a seriedade, mais eficaz e convincente é ela. Sonhamos com uma escola que, porque séria, se dedique ao ensino de forma competente, mas dedicada, séria e competentemente ao ensino, seja uma escola geradora de alegria. O que há de sério, até de penoso, de trabalhoso, nos processos de ensinar, de aprender, de conhecer não transforma este que-fazer em algo triste. Pelo contrário, a alegria de ensinar-aprender deve acompanhar professores e alunos em suas buscas constantes. Precisamos é remover os obstáculos que dificultam que a alegria tome conta de nós e não aceitar que ensinar e aprender são práticas necessariamente enfadonhas e tristes.

A segunda coisa que posso dizer agora é que, durante janeiro e fevereiro, trabalhamos na Secretaria com equipes de especialistas — físicos, matemáticos, biólogos, psicólogos, sociólogos e cientistas políticos, lingüistas e literatos, filósofos, arte-educadores, juristas e sexólogos. Analisamos diferentes momentos da prática educativa — a questão gnosiológica, a política, a cultural, a lingüística, a estética, a ética, a filosófica, a ideológica e "n" reuniões com esses especialistas, que vêm dando sua contribuição sem ônus para a Secretaria.

A etapa seguinte é o diálogo no centro das escolas e nas áreas populares em que elas se situam. Nossa intenção é possibilitar um diálogo entre grupos populares e educadores, entre grupos populares, educadores da rede e os cientistas que nos assessoram.

P. ***O senhor concorda que a má-formação do professor é um dos elos da cadeia que torna o ensino público de baixo nível? O que fazer para melhorar essa formação?***

R. Todos sabemos como a formação do educador vem sendo descuidada. Uma das preocupações centrais de nossa administração não poderia deixar de ser a formação permanente do educador. Isso para nós se fará, tanto quanto possamos, através da reflexão sobre a prática. Espero que em breve possamos, por exemplo, juntar professoras que trabalham com alfabetização com especialistas competentes. O diálogo se dará em torno da prática das professoras. Falarão de seus problemas, de suas dificuldades e, na reflexão sobre a prática, surgirá a teoria que ilumina a prática. Esse será o ponto central, mas não esgota o esforço formador. Outras atividades estão sendo programadas.

P. ***O senhor tem dificuldade de conciliar a experiência de educador com a de secretário, em uma máquina tão complexa?***

R. Tenho. Obviamente minha quotidianidade mudou. Antes vivia mansamente. Agora o ritmo é outro. Os desafios são outros. As dificuldades são muitas. Nada, porém, me desanima, me faz arrepender-me de ter aceito o convite da prefeita (Luiza Erundina). É um prazer para mim assumir o dever de fazer o mínimo que possa, ao lado de uma equipe excelente, competente e incansável. Aprendi muito neste primeiro pedaço de experiência, lidando com uma burocracia malvada e ameaçadora. Vale a pena!

P. ***Qual a sua maior preocupação?***

R. Não decepcionar um bom número de gente daqui e de fora que confia em mim. ■

INSTITUTO PAULO FREIRE
Rua Cerro Corá, 550 2.º andar cj. 22
Tel: (11) 3021-5536 Fax: (11) 3021-5589
05061-100 - São Paulo - SP - Brasil
E-mail: ipf@paulofreire.org